SU

**ROTEIRO METODOLÓGICO XXIV GRITO DOS EXCLUÍDOS/AS**

**ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA**

**VIDA EM PRIMEIRO LUGAR: “Desigualdade gera violência: Basta de Privilégios”**

Caros irmãos e irmãs de caminhada, paz e bem!

A 24ª edição do Grito dos Excluídos(as), com o Lema: **“Desigualdade gera violência: Basta de privilégios”** quer nos fazer refletir, mais uma vez, sobre as causas que tornam nosso país um lugar de injustiças e desigualdades sociais.

A proposta do Grito surgiu no Brasil no ano de 1994 e o 1º **Grito dos Excluídos** foi realizado em setembro de 1995, com o objetivo de aprofundar o tema da **Campanha da Fraternidade** do mesmo ano, que tinha como lema “Eras tu, Senhor”, e responder aos desafios levantados na 2ª Semana Social Brasileira, cujo tema era “Brasil, alternativas e protagonistas”. Em 1999 o Grito rompeu fronteiras e estendeu-se para as Américas.

O **Grito dos Excluídos** é uma manifestação popular carregada de simbolismo, é um espaço de animação e profecia, sempre aberto e plural de pessoas, grupos, entidades, igrejas e movimentos sociais comprometidos com as causas dos excluídos e excluídas.

E em preparação, a essa data marcante, estamos propondo às comunidades, grupos e coletivos, uma proposta metodológica para as Rodas de Conversa, em forma de livreto, vigílias, pré-gritos e culminância com dia “D” em 06.09.18, que vai ajudar a debater os eixos temáticos pautados para este ano. São temas que afetam a vida de todos e todas, por isso precisam ser aprofundados, dialogados, debatidos para que se possa entender os interesses e a dinâmica das mudanças que ocorrem em nosso país.

Esperamos também, com esses encontros, animar pessoas e comunidades para se organizarem e participarem do ato, que é um marco em defesa do Direito e da Justiça para todos e todas.

**O Grito trouxe inovações à mobilização social. A Criatividade, a Metodologia e o Protagonismo dos Excluídos são marcas do Grito.**

**METODOLOGIA**

O Grito privilegia a participação ampla, aberta e plural. Os mais diferentes atores e sujeitos sociais se unem numa causa comum, sem deixar de lado sua especificidade.

**CRIATIVIDADE/OUSADIA**

O Grito tem a cada ano, um lema nacional, que pode ser trabalhado regionalmente, a partir da conjuntura e da cultura local. As manifestações são múltiplas e variadas, de acordo com a criatividade dos envolvidos: caminhadas, desfiles, celebrações especiais, romarias, atos públicos, procissão, pré-Gritos, cursos, seminários, palestras…

**PROTAGONISMO DOS/AS EXCLUÍDOS/AS**

É fundamental que os próprios excluídos e excluídas assumam a direção do Grito em todas as fases – preparação, realização e continuidade, o que ainda é um horizonte a ser alcançado.

**PARCERIAS**

O Grito foi concebido para ser um processo de construção coletiva, neste mutirão estão juntos Pastorais Sociais, Semana Social Brasileira, Movimentos populares, sociais e sindical, Campanha Jubileu, Grito Continental, Igrejas, Mutirão contra a Miséria e a Fome.

**POR QUE DIA 07 DE SETEMBRO**

Desde 1995, o Grito dos Excluídos realiza-se no dia 7 de setembro. É o dia da comemoração da independência do Brasil. Nada melhor do que esta data para refletir sobre a soberania nacional, que é o eixo central das mobilizações do Grito.

Nesta perspectiva, o Grito se propõe a superar um patriotismo passivo em vista de uma cidadania ativa e de participação, colaborando na construção de uma nova sociedade, justa, solidária, plural e fraterna. O Dia da Pátria, além de um dia de festa e celebração, vai se tornando também em um dia de consciência política de luta por uma nova ordem nacional e mundial. É um dia de sair às ruas, comemorar, refletir, reivindicar e lutar. O Grito é um processo, que compreende um tempo de preparação e pré-mobilização, seguido de compromissos concretos que dão continuidade às atividades.

**OBJETIVO**

* **VALORIZAR** a vida e anunciar a esperança de um mundo melhor, construindo ações a fim de fortalecer e mobilizar a classe trabalhadora nas lutas populares. Denunciar a estrutura opressiva e excludente da sociedade e do sistema neoliberal que nega a vida e quer nos impedir de sonhar.
* **DEFENDER** a vida dos/as excluídos/as, assegurar os seus direitos, voz e lugar. Construir relações igualitárias que respeitem a diversidade de gênero, cultural, racial, religiosa e sejam esperança para juntos e juntas lutarmos por outro mundo possível.
* **CONSTRUIR** espaços e ações organizadas politicamente a fim de fortalecer e mobilizar o povo a lutar por um projeto de sociedade mais igualitária e fraterna que valorize a vida, a distribuição de terra, renda e bens para todos;
* **DENUNCIAR** as estruturas opressoras da sociedade, as injustiças cometidas pelo modelo econômico neoliberal, a concentração de renda, a criminalização dos movimentos, dos defensores e defensoras dos direitos humanos e das lutas populares;
* **OCUPAR** os espaços públicos e exigir do Estado a garantia do acesso e a universalização dos direitos básicos como educação, segurança pública, saúde, transporte, alimentação saudável, saneamento básico, moradia. Lutar contra a privatização dos recursos naturais e contra as reformas que retiram direitos dos trabalhadores e trabalhadoras;
* **COBRAR** dos governantes uma auditoria integral da dívida pública (interna e externa) que consome aproximadamente 45% do nosso dinheiro (orçamento federal) pagando juros e amortizações aos especuladores.

**EIXOS**

1. **DEMOCRATIZAR A COMUNICAÇÃO**

Na era da informação quem detém a mídia tem poder sobre a opinião das pessoas. A comunicação é um bem público que o Estado concede o direito de operar, só que no Brasil essa operação atende a interesses particulares, dos endinheirados que só visam o lucro.  
Existe um oligopólio familiar dos canais de televisão, rádios, jornais, revistas, portais de internet, que dificultam a entrada de outros canais que poderiam trazer pautas alinhadas com o interesse público. Somente com a regulamentação da mídia será possível falar em **diversidade da informação** e, deste modo, caminhar para uma sociedade mais democrática.  
Denunciamos esse modelo de mídia e comunicação e exigimos a sua regulamentação, assim como um processo transparente de democratização da informação em nosso país!

1. **DIREITOS BÁSICOS**

O Brasil “democrático” foi construído com um desejo impetuoso das elites de dominar, acumular e lucrar mais e mais à custa do povo. É um Brasil que desrespeita os direitos fundamentais: à vida, à dignidade, a ter direitos. Nossa história é marcada pela violência e dominação através da guerra e extermínio dos povos originários (indígenas, negros e quilombolas), dos pobres, das mulheres e da juventude. Este sistema não nos suporta, não suporta os povos, os direitos. O acesso, ampliação e universalização dos direitos fundamentais conquistados e garantidos na Constituição Federal de 1988, e que não foram plenamente implementados e universalizados, hoje estão sendo ameaçados.  
A elite brasileira nunca aceitou esses direitos e conseguiu, com o apoio da mídia conservadora, realizar **um golpe “democrático” no Brasil**, em 2016, e estabelecer uma agenda de retrocessos nos direitos da classe trabalhadora. Em nome da crise econômica, o governo golpista de Michel Temer está fundamentando a redução e a negação de direitos básicos, com o corte dos investimentos sociais, beneficiando ao sistema financeiro transnacional.  
Estamos no meio de um ataque aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras: congelamento dos investimentos por 20 anos, reformas da previdência e trabalhista que abrem um leque para privatizações dos serviços básicos. Assim, privilegiando as empresas que vão operar estes serviços, em um verdadeiro assalto aos direitos sociais.

Vamos nos juntar e fortalecer a luta e a resistência contra qualquer retrocesso e ameaça aos nossos direitos (saúde, educação, aposentadoria, terra, água, salário maternidade, transporte, etc.). Nenhum direito a menos! Por isso, a rua é o nosso lugar!

1. **ESTADO FOMENTADOR DE VIOLÊNCIA**

A política do Estado mínimo imposta pelo sistema capitalista neoliberal busca a acumulação de capital, em detrimento das políticas sociais, cuja implementação, muitas vezes, fica a cargo de terceiros. Prática que fomenta as várias situações de violência.

A primeira refere-se ao descaso com a qualidade dos serviços oferecidos (água, saneamento, educação, saúde, transporte, dentre outros), por vezes terceirizados e precarizados. Uma segunda forma é quando o Estado destrói nossos territórios, degrada e mata, gera violência e criminaliza as lutas e os lutadores/as, como no desastre de Mariana. A terceira situação de violência é a criação de formas de acabar com as poucas leis ou mecanismos específicos de proteção: Estatuto da Criança e do Adolescente, do Idoso; Lei Maria da Penha, políticas afirmativas, que indicam claramente as**desigualdades sociais** e vulnerabilidades existentes, numa espécie de “epidemia de indiferença”, com a cumplicidade do Estado.

A violência é justificada como forma para o Estado funcionar, ela é “silenciosa” e seletiva com os setores vulneráveis da sociedade a fim de contê-los. O sistema capitalista exclui a juventude negra, pobre e da periferia, degrada o meio ambiente, mata negros, mulheres, índios, quilombolas, LGBT(s) e não nos suporta!

1. **QUE PROJETO DE PAÍS DESEJAMOS? QUE ESTADO QUEREMOS?**

O Estado sempre foi assediado e disputado pelo capital como instância que lhe garante acessos, facilidades e proteção. A corrupção não é uma novidade, nem no Brasil, nem em lugar algum do mundo, ela faz parte do sistema e o mantém.

Portanto, devemos nos desvencilhar desta armadilha que foi montada sobre a corrupção e de processos eleitorais, e refletir sobre: **Que Estado queremos?** **Que país desejamos?** Certamente, uma nação que sustente um projeto comum, que garanta o crescimento econômico, não dos grandes empresários, das instituições milionárias, mas sim dos trabalhadores. Com distribuição de renda de forma igualitária, garantia de fato dos direitos a todos e todas, especialmente os/as mais vulneráveis e excluídos/das. Um Estado que olhe com atenção aos pequenos/as produtores, à agricultura familiar, à indústria nacional, à educação pública, gratuita e de qualidade. Que fortaleça, promova e universalize o SUS, desenvolva a pesquisa e a ciência; facilite o acesso à cultura, à habitação, à terra, ao trabalho, à alimentação. Um Estado que preste atenção às populações que vivem na e da floresta. Um Estado alicerçado na garantia e acesso aos direitos e comprometido com o povo e a vida. Um Estado soberano, não a serviço de interesses estrangeiros.

1. **PARTICIPAÇÃO POLÍTICA É EMANCIPAÇÃO POPULAR**

Sob um governo golpista e ilegítimo, as experiências coletivas estão em xeque. O trabalho de base e a formação de coletivos de luta e resistência, nos mais diferentes recantos de nosso país, rompem com esse novo padrão que tentam nos impor.   
Reconstruímos o país com as Diretas Já, elaboramos uma avançada Constituição Cidadã, conquistamos vários direitos que hoje estão ameaçados. Isso indica que não há um modelo pronto. A juventude que ocupou as escolas nos desafia a repensar o método, a pedagogia do trabalho de base e, principalmente, retomar com nova linguagem, novo jeito de dialogar, nos apropriando dos instrumentos de comunicação que dispomos.   
Devemos romper com a lógica de pensar a participação a partir de processos de representação eleitoral, de cargos públicos eletivos, sem descartá-la, mas dando a ela um novo significado. Precisamos também ressignificar os espaços de participação históricos que conhecemos e usamos diversas vezes: os plebiscitos, referendos, conselhos gestores, orçamento participativo e etc. Já, que alguns destes instrumentos foram sendo apropriados na sua estrutura e discurso por governos de plantão e deixaram de representar os verdadeiros interesses da população.   
A **participação política** é fundamental para provocar processos de mudanças estruturais, na construção de uma sociedade, de um Estado e um país livre, democrático, justo e igualitário. Todos e todas somos convidados a participar para construir a democracia e assegurar nossos direitos.

1. **UNIR GENEROSAS/OS NAS RUAS**

A rua traz consigo dois sentidos, principalmente para moradores das periferias, pode ser um ambiente de acolhimento, mas também de abandono e perigo. Toda a violência sofrida pela periferia, sobretudo a policial, provoca o medo das pessoas de freqüentar a rua como um espaço de convivência e de uso coletivo, o que nem sempre é uma preocupação em alguns bairros de classe média.

Com muita persistência, alguns coletivos, indivíduos e organizações vêm ressignificando o que é ocupar a rua e os sentidos que isso implica na vida cotidiana das pessoas. O que acontece pela contínua efervescência da cultura periférica, com diversos grupos que atuam a partir de linguagens artísticas e mostram seu trabalho, conseguindo se organizar politicamente e transformar a realidade local.

A rua é um espaço de troca de vivências e saberes, é também onde construímos e defendemos nossos direitos que, hoje mais do que nunca, estão sendo postos à venda pelo próprio governo/Congresso para atender aos interesses do capital, a quem obedece servilmente. A**rua é o lugar da resistência** e historicamente tem sido o nosso ponto de encontro, dos generosos/as, dos lutadores/as, da militância.

Em tempo de retrocessos democráticos se torna mais urgente e necessário ocuparmos esse espaço.  
Vamos às ruas não só para lutar, mas também para celebrar. Ocupar a rua é vivenciar, é sentir, é olhar o outro sem (pré) conceitos, racismo, machismo, homofobia, é olhar o outro na sua integralidade e como companheiro/a.

O Papa Francisco também nos convoca. Não deixemos mais o sistema incorporar e abrir um abismo entre nós e nossos companheiros e companheiras de caminhada. A praça, a rua, os bares… vamos enchê-los de novo! Vamos nos misturar de novo, porque juntos, generosas e generosos, vamos conseguir pensar um projeto de sociedade mais democrático, em que todos e todas tenham voz, vez e lugar.

1. **UMA ECOLOGIA INTEGRAL**

A Campanha da Fraternidade desse ano trouxe para a reflexão os biomas brasileiros, as ameaças a  
que estão submetidos e a convocação para lutar em sua defesa. Falar de bioma não é só falar de plantas, animais, fungos e as relações entre si, mas também inclui os seres humanos. Cada bioma é um grande conjunto de pequenos ecossistemas que reúne uma comunidade de seres vivos de todo o tipo em um único território.

O ecossistema em que vivemos, por mais artificial que seja como as grandes cidades – que ainda assim fazem parte dessa comunidade – deixa sua marca em nós: nossa história, nossa infância, nossa visão de mundo, nossas relações, mesmo o nosso tipo (bio) físico. Tudo em nós tem a marca da grande comunidade e ancestralidade a que pertencemos.

Denunciar e lutar contra a destruição dessa comunidade é lutar por nossa casa comum, pela vida em toda a sua integralidade, pelo Planeta, “que sofre em dores de parto”. O agronegócio empobrece o solo, polui as águas e leva perigo a todo o ecossistema. O monocultivo, os agrotóxicos, os transgênicos, a exploração irracional das florestas e a atividade mineradora podem causar desastres criminosos, como o de Mariana (MG) e toda a Bacia do Rio Doce. Deixam críticas as condições de vida e contribuem para as mudanças climáticas. A destruição faz parte do sistema ganancioso de acumulação e lucro do capital. A vida, as abelhas, as plantas, tudo vira uma mercadoria. Devemos lutar pelas mudanças desse sistema que exclui, degrada e mata. É preciso**resistir e lutar**: pela nossa história, pela vida do Planeta, por “Vida em primeiro lugar”!

**CAMINHO METODOLÓGICO**

**PRIMEIRO PASSO: RODAS DE CONVERSA, ENCONTROS COMUNITÁRIOS E ETC.:**

Rodas de conversa, círculos de cultura nos grupos, comunidades, sindicados, organizações sociais e coletivos diversos. A equipe de metodologia elaborou uma proposta de subsídio contendo encontros temáticos para os diversos grupos como apoio aos momentos de coletivos de reflexão, debates e ação. O ideal será realizarmos esses momentos até o final de agosto.

**SEGUNDO PASSO: PRE-PRÉGRITO**

Momento forte vivenciado nos territórios onde conseguimos realizar os encontros comunitários, com os diversos sujeitos que fazem parte da construção do grito: igrejas, comunidades, organizações sociais, movimentos sociais, sindicatos e etc. Nesse passo evidenciamos os gritos do território/bairro. O ideal é realizarmos na semana da pátria de 01 a 06/09/18. Podem ser feitas caminhadas pelo bairro/território denunciando as várias violações de direito da população, vigílias, celebrações, festivais culturais e etc.

**TERCEIRO PASSO: DIA “D” – 06.09.18 – CENTRO DE FORTALEZA**

Mobilização de rua, culminância dos momentos vivenciados nos grupos, comunidades e coletivos, levando a mística, a denúncia e o anúncio de uma outra vida possível. Após a mobilização nas ruas do Centro de Fortaleza, os Círculos de Cultura, intercalados com a dança, a música, a poesia, trazendo com muita vivacidade o Lema desse ano que é: **“Desigualdade gera violência: Basta de privilégios”.**

**ROTEIRO DA CAMINHADA – DIA 06.09.18**

Trajeto da caminhada do Grito 2018.

Início – Concentração no Passeio Público (Praça dos Mártires) a partir das 13h;

Início da Mística – às 14h (MEMÓRIA DOS MARTIRES) – Rua Dr. João Moreira

**Caminhada – Saída: às 14h30**

**PRIMEIRA PARADA:** NENHUM DIREITO A MENOS (ANTIREFORMA DA PREVIDÊNCIA, CONGELAMENTO DOS GASTOS COM POLITICAS SOCIAIS);

PIRULITOS COM OS ROSTOS DOS/AS DEPUTADOS/AS QUE VOTARAM CONTRA OS TRABALHADORES/AS E CONTRA A NATUREZA – TEMPO: De 07MIN a 10MIN.

 - Rua 24 de maio

**SEGUNDA PARADA:** BASTA DE PRIVILÉGIOS (BANCOS, PRIVATIZAÇÕES, OUVIDORIA DA DEFENSORIA) – De 07MIN a 10MIN

 - Rua São Paulo com Floriano Peixoto

 - Rua Sena Madureira

**TERCEIRA PARADA:** NÃO A PRIVATIZAÇÃO DO SUS, ENCARCERAMENTO, EXTERMINIO DA JUVENTUDE, ZEIS, FUNDEMA, BOLSA CATADOR – De 07MIN a 10MIN

 - Rua Monsenhor Luiz Rocha

 - Rua General Bezerril

 - Rua Perboyre Silva.

Continuando sem o carro de som, mas com MEGAFONE – Rua Liberato Barroso; Rua Floriano Peixoto até a Praça do Ferreira.

**CHEGADA NA PRAÇA: VIVÊNCIA DOS CÍRCULO DE CULTURA**

**BLOCO 1 (CEDECA, Pastoral do Menor, Fórum DCA, Pastoral Carcerária, INEGRA, SIJ, PJS) – Responsável por articular: Francisca Nobre (Tita).**

TEMAS GERADORES: Extermínio de adolescentes e jovens e sistema sócio-educativo; Sistema Carcerário e agenda do desencarceramento.

**BLOCO 2 (Fórum de Mulher e CEBI) – Responsável por articular: Isabel Forte**

TEMA GERADOR: Violência contra Mulheres e Feminicídio.

**BLOCO 3 (CUT, Sindicatos, Fóruns, MST, MAB, MTST, Conselhos e Redes e etc) – Responsável por articular: Elenir Pereira, Ana Maria**

TEMAS GERADORES: Contra-reformada Previdência, Privatização do SUS, Educação, Assistência, etc.

**BLOCO 4 (Assembleia Popular pelo Direito a Cidade, Fórum Popular de Segurança Pública, Rede de Catadores, Rede de Economia Solidária, NUAB, CDVHS, MARGARIDA ALVES, FREI TITO, REDE DLIS, REAJAN) – Responsável por articular: Reginha Mateus e Ana Maria**

TEMAS GERADORES: Direito a Cidade e Superação da Violência

**BLOCO 5 (Intervozes, Movimento Fé e Política) – Responsável por articular: Reginha Mateus**

TEMAS GERADORES: Democratização da Comunicação, Participação Política e Emancipação Popular.

**BLOCO 6 (Pastoral do Migrante, Defensoria Publica da União, Defensoria Publica Estadual) – Responsável por articular: Isabel Forte.**

TEMA GERADOR: Migração e Refugio (povos africanos, povos latinos americanos, povos sírios...

**BLOCO 7 (Pastoral Afro, Pastoral dos Pescadores, Centro de Defesa e Terramar) – Diana Maia, Francisco Nonato e Adriana.**

TEMA GERADOR: Comunidades Tradicionais (Pescadores/as, Agricultores/as, Comunidades Indígenas, Comunidades Quilombolas, Comunidades de Terreiro, Ciganos e etc)

**SHOW DESIGUALDADE GERA VIOLÊNCIA, CHEGA DE PRIVILÉGIOS!**

Momento de expressões culturais, corporais. Apresentação das sistematizações dos círculos de cultura, muita musica, luta e resistência.

**AVALIAÇÃO E INÍCIO DO NOVO CICLO DO GRITO 2019**

De acordo com nossa agenda, a data marcada para avaliação do Processo será **dia 29.09.18, às 9h no Centro de Pastoral Maria Mãe da Igreja – Rua Rodrigues Junior, 300 – Centro – Fortaleza/CE**.